



Entrevista com Mario Perniola

Massimo Di Felice

Mario Perniola é professor de Estetica na Universidade “Tor Vergata” de Roma e na Universidade de Kioto (Japão). Dirige a revista de estudos culturais e estética *Agalma*.

Esteve no Brasil a convite do Instituto Italiano de Cultura de S. Paulo, do Instituto Europeu de Design (IED) e da Escola de Comunicações e Artes de S. Paulo (ECA-USP), para o lançamento no Brasil do livro *Sex Appeal do Inorgânico* (trad. de Nilson Moulin, São Paulo, Studio Nobel, 2005).

O livro é o primeiro de uma coleção coordenada pelo sociólogo Massimo Di Felice (docente da ECA-USP): “*Atopos*” – *novos espaços de comunicações*, que tem por objetivo discutir o impacto das novas tecnologias comunicativas na sociedade.

Massimo Di Felice: As profundas transformações na sociedade contemporânea relacionam-se também com a tecnologia. O aparecimento de novas formas de comunicação em rede e de novos instrumentos, que desenvolvem formas interativas e imediatas de comunicação, parece solicitar um tipo de análise que vá além dos conceitos sociológicos e políticos de corpo, de subjetividade, de pele, de história. Qual é a relação entre filosofia e comunicação?

Perniola – A filosofia, em particular à francesa, teve nos últimos trinta anos do século XX uma relação de rivalidade mimética com a comunicação de massa. A manifestação mais importante de tal tendência foi a *French Theory*, isto é, o sucesso midiático obtido nos Estados Unidos por vários filósofos franceses, os quais tornaram-se quase *stars* nos campi universitários. Parece-me que esta época tenha

terminado: talvez hoje seja interesse da filosofia dar um passo atrás e, sem retornar a uma condição monástica, se expor menos sobre o palco das mídias.

Massimo Di Felice: Da distinção aristotélica entre “tecne” e “episteme”, o pensamento ocidental oscilou entre a metafísica e o materialismo. No Sex Appeal do Inorgânico o Sr. parece apontar para uma direção diferente da “coisa que sente” e da “sensualidade neutra” Quais são os pressupostos e as características desta “transorganicidade”?

Perniola – Venho de uma tradição filosófica, a escola de Turim, que se coloca além da alternativa tradicional entre espiritualismo e materialismo. Isto aconteceu em torno de 1960: quando era estudante encontrei Luigi Pareyson, que foi meu professor, e Umberto Eco e Gianni Vattimo, que foram meus companheiros mais velhos. Eles também foram alunos de Pareyson. Nenhum de nós tinha qualquer hostilidade contra a técnica e sempre tivemos a máxima consideração pelo método científico, sem, por isso, chegar a uma exaltação acrítica da ciência.

Massimo Di Felice: A passagem das tecnologias industriais-produtivas para as sociais-comunicativas sinaliza uma importante transformação?

Perniola – Na realidade há uma produção cada vez mais conspícua de mercadorias industriais, que são objeto de desejo de grande parte do mundo. É certo que esta produção ocorre segundo formas organizativas muito diferentes, de diferentes áreas geopolíticas e de uma diversa integração entre estado, mercado, intervenção global e *welfare*. De modo que se uma vez se dava a alternativa entre capitalismo e socialismo, e sucessivamente, entre duas formas de capitalismo (o anglo-americano e o alemão-japonês), agora os economistas distinguem pelo menos cinco formas de capitalismo. Seria necessário estudar caso por caso como se configura a relação entre a produção e a comunicação.

Massimo Di Felice: No seu livro La società dei simulacri, o Sr. fala da passagem de uma cultura da socialização do pensamento, introduzida pela sociedade iluminista, para uma cultura da socialização do imaginário, na qual se assistiria à dissolução do

sujeito individual e coletivo. Em que sentido se pode falar do fim de formas políticas de socialização?

Perniola – Venho de uma tradição política que foi sempre oposta ao centralismo burocrático do partido e que viu no comunismo dos conselhos operários o ponto de chegada da luta. Esta tradição, que conheci bem através da revista “Socialisme ou Barbarie” (que acabou em 1966) e o movimento “Internacional Situacionista” (do qual fui muito próximo antes do seu desvirtuamento, em 1970), desde já afirmava o fim da política. Outro discurso diz respeito aos laços sociais. Hoje em muitas partes do mundo prevalece uma espécie de populismo articulado somente pelo desprezo para com as classes dirigentes, mas sem nenhum programa positivo e coerente.

Massimo Di Felice: O Sr. desenvolve um conceito de simulacro que supera o dualismo platônico entre cópia e original, em que o próprio pensamento de J. Baudrillard parece estar preso. Poderia falar mais sobre isso ?

Perniola – A origem da superação da distinção entre original e cópia está em Nietzsche. A diferença entre a minha interpretação e a de Baudrillard está no fato que o sociólogo francês ainda coloca uma ênfase e um *pathos* muito forte sobre o “mundo que temos perdido”, aquele da autenticidade e da verdade.

Massimo Di Felice: Em sua obra Transiti, o Sr. descreve o conceito de “coisa-videomática”, a construção de novas realidades e de novas dimensões, resultado das interações com as novas formas tecnológicas comunicativas. Estas devem ser ainda pensadas dentro das lógicas político-sociais da indústria cultural?

Perniola – A indústria cultural chega sempre muito tarde, isto é, quando o impulso criativo termina. Mas se poderia dizer também que a cultura alternativa chega sempre muito cedo, e por isso corre o perigo de conseguir só sucessos póstumos.

Massimo Di Felice: Existe alguma relação entre as novas tecnologias comunicativas e a crise da Europa, e particularmente a crise do eurocentrismo e as formas de aversão do público, como mostrado pelos resultados dos últimos referendos na França e na Holanda?

Perniola – A comunicação de massa conheceu na Europa um grande derrota. O resultado dos referendos francês e holandês mostrou a inconsistência e arrogância da ideologia européia elaborada nas décadas anteriores, que atribuía ao assim chamado “capital humano” um papel essencial no desenvolvimento econômico. Mas a realização de um semelhante projeto requer enormes investimentos em educação, pesquisa e formação profissional, que na Europa são completamente utopísticos (exceto em alguns pequenos países, como a Finlândia). Não há sinais, nos grandes países europeus, de uma política cultural de inspiração iluminista: esta se encontra em absoluto contraste com o nihilismo europeu. Até mesmo os que se revoltam participam hoje deste modo de ser. Por isso há uma revolta, mas não há revolução. Quanto às novas tecnologias comunicativas, as pesquisas revelaram-se exatas.

Massimo Di Felice: O que o Sr. pensa das teorias que se desenvolveram em torno do conceito de pós-humano?

Perniola – O pós-humano ocupa um período histórico que vai desde o começo dos anos noventa até o 11 de setembro de 2001. Eu acompanhei com muita atenção a sua trajetória, que tem seus pontos de referências principais em algumas exposições de arte contemporânea, como o “Post-human” no Castelo de Rivoli (Turim, 1992), “L’art et la vie” no Centro Pompidou (Paris, 1994) e “Sensation” (Londres, 1997). A difusão do fenômeno dos kamikazes a partir de 2001 joga uma luz sinistra na compenetração entre homem e máquina. Também é evidente que, a partir do 11 de setembro, nenhuma atividade cultural ou científica tem condições de competir com o impacto midiático de um atentado suicida e homicida. Por isso foi dito que o 11 de setembro foi a maior obra de arte de todos os tempos!

São Paulo, junho 2005